

Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica e Heranças
Contemporâneas*

Vol. II Línguas e Literaturas. Idade Média.
Renascimento. Recepção

Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira,
Paula Barata Dias (Coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

PAISAGEM DO CÁRCERE O *TOPOS* LITERÁRIO NUMA EPOPEIA NEOLATINA

CARLOTA MIRANDA URBANO
Universidade de Coimbra

Abstract

The isolation imposed by a locked, dungeon setting makes such setting to appear as the ground of definite boundaries, the “no-landscape” setting. Nevertheless, when the dungeon environment really holds sway, the human spirit’s irreducibility to those four walls stands out. It is at that point that the power of word and narrative allows the world-space to be taken into the dungeon setting; the human spirit can afford then the possibility of journeying in time and space, even inside his innermost being.

This essay aims at highlighting the wealth of classic tradition lying behind “the dungeon” literary *topos* as a space of meaning. While other classic texts are discussed as well, the main literary corpus being dealt with is a specific Virgil-style, Neolatin epos. The piece is made of twelve chants, six of which take place inside a particular dungeon.

Tomar o cárcere como tema num congresso da APEC sobre ‘espaço e paisagem’ pode parecer descabido ou contraditório. Na verdade, o isolamento imposto pelo cárcere é o espaço da não paisagem, é, por excelência, o espaço da privação do mundo, dos limites estreitamente definidos, da ausência de relação e da restrição da liberdade. Mas é precisamente por estes motivos que o cárcere constitui inúmeras vezes o ponto de partida para a evasão ilimitada através do sonho e da ficção, ou o momento privilegiado para a libertação do homem interior, irreduzível aos limites que lhe são impostos.

Como *topos* literário, o cárcere carrega uma longa e rica tradição, quer como espaço de sofrimento e de redenção, quer ainda como metáfora da condição humana entre os limites do finito e a ânsia do infinito, numa longa permanência da imagem platónica do corpo como cárcere. O corpo, a vida, o próprio ser, como o exprimiu Fernando Pessoa num poema metafísico de

Álvaro de Campos, quando, face ao mistério do ‘ser’, desabafa: “*Cárcere do Ser, não há libertação de ti?/Cárcere de pensar, não há libertação de ti?*”¹.

A imagem do homem como ‘ser encarcerado’ tem sido expressão de um desejo, por definição, humano: o desejo de mais e de liberdade.

Mas tomemos o subtítulo desta comunicação. O *corpus* a que nos reportamos é um poema épico neolatino, o *Paciecidos* do jesuíta Bartolomeu Pereira que canta a epopeia dos missionários jesuítas no Japão tendo por tema central o martírio do Beato Francisco Pacheco e de mais oito companheiros. Alguns deles partilharam o cárcere no forte de Ximabara entre Dezembro de 1625 e Junho de 1626.

A acção desta epopeia, de modelo marcadamente virgiliano, desenrola-se ao longo de doze cantos e, de acordo com a *dispositio* clássica, tem início *in medias res*. Concentrada nos últimos meses de vida destes heróis, o plano da narrativa principal concede grande destaque ao tempo passado na prisão. Na verdade, mais de um terço dos doze cantos passa-se no cárcere. Depois de um exílio imposto em Macau e do regresso ao Japão na clandestinidade, o herói principal é preso no canto IV. No final deste canto, Francisco e alguns dos seus companheiros ficam encarcerados no forte de Ximabara. Só durante o Canto X tem lugar a viagem dos jesuítas para Nagasaki onde serão executados (no canto XII). Portanto, desde o canto V ao IX e parte do X, a acção passa-se nos limites do cárcere. No entanto isto acontece só no plano da narrativa principal. Na verdade, três destes cantos constituem uma longa analepse em que, conforme o modelo homérico-*virgiliano*, o herói da epopeia faz o relato *ab ovo*, isto é, dá a conhecer aos companheiros da prisão e ao leitor, as origens da sua família, a sua pátria, a sua entrada na Companhia de Jesus, as peripécias da viagem até Goa, e daí ao Japão, o naufrágio, a missão no Japão, o exílio em Macau, o regresso e, finalmente, a perseguição que termina no cárcere.

Todos estes factos, porém, que constituem do ponto de vista do carácter hagiográfico da obra, o que mais corresponde ao tipo da biografia devota, são recheados de episódios fantásticos cheios de ressonâncias homéricas. Desde o episódio protagonizado por alguns dos companheiros de viagem que são atacados por um dragão na Ilha de S. Lourenço, até ao aparecimento da alegoria feminina da *Piedade* que vem ao encontro de Francisco depois da sobrevivência a um naufrágio. É esta jovem *Piedade* que lhe indica o caminho até à casa de um agricultor onde será acolhido como hóspede. São várias as narrativas menores a enriquecer literariamente a analepse que dura, no plano da narrativa principal, o tempo de uma noite. O leitor esquece-se de que a acção se passa no cárcere e o poeta também não se preocupa em lembrá-lo. É uma longa narrativa dentro de outra. Nos limites do cárcere, e a pedido dos companheiros, o herói evoca durante a noite a sua história e é o amanhecer que lhe põe fim.

Mas o cárcere não é apenas o cenário desta analepse e numa epopeia que celebra o heroísmo do martírio, ele constitui um motivo literário bastante

¹ «Ah, perante esta única realidade que é o mistério...». F. Pessoa, *Obras completas*. Lisboa, Ática (1970-1980), vol II.

explorado neste poema. Podemos dizer que o cárcere sofre neste poema uma verdadeira transfiguração. Ele começa por ser o antro escuro, imposto pelo tirano, a privação da liberdade, o lugar do sofrimento e da tortura mas, como veremos, será espaço de luz e de libertação. No início do Canto V, o poeta invoca Apolo, pede-lhe que entre com ele no cárcere para revelar ao mundo o que se passou nas trevas da prisão.

“E agora, Apolo, que outrora tantas vezes penetraste nas sombras horrendas e nos antros da Sibila, eu te suplico: entra comigo por um instante nesta horrível fortaleza, nas estreitas passagens, nos antros ocultos daquele cárcere, expulsa-me do peito o vão temor. Porque não rompes esse silêncio profundo? (...) O corpo sim, mas o espírito não pode ser encarcerado; a nobre virtude de Francisco venceu as cadeias.”²

Francisco, que partira para o Oriente no cumprimento de uma vocação universal, é sinal de contradição. Na sua juventude ouvira o lema missionário: Francisco deve ser para todo o mundo e todo o mundo para Francisco.” (7, 174). Apesar disso, Francisco,

“a quem a sua terra lusa, a inteira Índia, a China, a quem o Japão, todo o mundo, as ondas do mar e todo o universo não bastaram, eis que o retém estreita morada, ei-lo cercado de grades no meio de um cárcere, lugar imenso em sofrimento, mas que para ele é, de longe, mais grato e mais espaçoso que a corte de Ciro.”³

Mas esse cárcere que impõe o limite rapidamente se converte no espaço privilegiado da ascese e através dela o homem interior ganha poder sobre os limites do corpo, também ele visto como prisão do espírito que só poderá alcançar a liberdade completa na morte.

É impossível ler profundamente este texto do séc. XVII sem reconhecer nele o intertexto da primeira interpretação cristã do martírio, marcada pela determinante relação do cristianismo primitivo com as correntes filosóficas estoicas e neoplatónicas. Tertuliano e a sua breve exortação aos *martyres designati*, como lhes chama, oferecem-nos uma boa leitura do cárcere como espaço de ascese, mas de um modo geral ela integra as tipologias literárias do martírio na primitiva literatura cristã, especialmente nos relatos dos *Acta Martyrum*.

Nestes textos frequentemente sucede que o mártir passa pelo cárcere como por um tempo de ascese e preparação que pode anteceder o momento

² Nunc age, deformes umbras, atque antra Sybillae/ Qui quondam toties intrasti, Delphice, mecum/ Nunc, precor, horrentem hanc arcem, nunc carceris huius/ Angustus aditus, latebrosa- que tecta parumper/ Ingrederere, et uanos e corde expelle timores. (...) ecquid non alta silentia rumpis?/ (...) Corpora, non animos, uinciri: altamque Paccii/ uirtutem, medias inter regnare catenas. 5, 1-5, 14, 16-17.

³ Ergo Franciscum, cui non sua Lysia, et omnis/India, non Sinae, cui non Iapponia, cuique/ non tellus, non unda maris, non sufficit orbis,/Iam locus in media uallatum cratibus arce/ detinet angustus, poenis satis amplus, et ipsi/ gratior, et Cyri longe spatiosior aula. 5, 18-23.

da confissão de fé diante do tirano ou a tortura, ou ainda a execução. Tertuliano, na exortação a que acima nos referimos, sugere aos destinatários que aproveitem a prisão do corpo para libertar a alma em direcção a uma união mais próxima com Deus. Se a Ele estiverem unidos, resistirão à dor:

“Por isso, benditos, por mais duro que seja (o cárcere), tomai-o como exercitação das virtudes do espírito e do corpo. Preparai-vos para combater o bom combate em que o agonoteta é Deus vivo, o xistarco o Espírito Santo, a coroa, a da eternidade.”⁴

Este também é, porém, o lugar em que se proporcionam os momentos de oração, de visões místicas, ou ainda de sonhos reveladores do prémio do martírio. Geralmente, depois destas visões em que o mártir contempla o paraíso, assistimos à sua profunda transformação. Frequentemente o cárcere, para além de se poder transfigurar em palco de visões e sonhos, pode ser cenário de prodígios como a conversão dos próprios carcereiros.

Podemos assinalar todos estes traços no Paciecidos, cujo significado se torna mais profundo e mais amplo se reconhecermos este intertexto. Também Pacheco e os seus companheiros têm no cárcere ocasião de ascese e de combate espiritual.

“O cruel Tâquea, pois, exercia a sua raiva contra o forte de Ximambara e seus prisioneiros, acrescentando às cadeias todo o género de tormentos: ora é um guarda que os ameaça com a espada, ora é a fome que os atormenta, ou ensurdecem com grandes gritos os seus ouvidos; de noite, os seus olhos não têm trégua de repouso; o solo é o duríssimo leito para os seus membros, e um tronco o rude travesseiro para a sua cabeça. Em tais sofrimentos, porém, a mais bela virtude alimenta as forças e uma valentia secreta.”⁵

Quando havia pausa nos tormentos, os prisioneiros procuravam voluntariamente fustigar o corpo, até não sentirem mais cuidado nas coisas mundanas, dominados pelo ardor de render inteiramente o espírito ao Amor divino por meio da morte. A penitência e as lágrimas dos presos que anseiam pelo martírio transformam-se paradoxalmente em expressão da sua felicidade.

“Mas nas lágrimas recrudescer o seu amor e recobra as forças adormecidas, como com as gotas de água cristalina, o fogo, atacado, se irrita e recupera o seu vigor. E o mesmo ardor a todos possui.”

⁴ Proinde vos, benedicti, quodcumque hoc durum est, ad exercitationem virtutum animi et corporis deputate. Bonum agonem subituri estis in quo agonothetes Deus vivus est, xystarches Spiritus Sanctus, corona aeternitatis. (3, 3)

⁵ Ergo Ximabarae crudelis in arce Taquea/ Exercet rabiem in uinctos, atque omne catenis/ Tormentum adiungit; minitans hinc inde satelles/ Stat gladii; furit ore fames, clamoribus aures/ Surdescunt; sunt nullae oculis cum nocte quietis/ Indutiae; dat strata solum durissima membris,/ et capiti inclemens dat pulvinaria robur./ His tamen in poenis uirtus pulcherrima uires/ Occultosque animos haurit (...). 5, 100-108.

*A ira cruel dos guardas, a morte viva, todo o género de atrocidade, beberam-no com avidez, e sofriam de rosto alegre.*⁶

Fortalecidos pela ascese, os prisioneiros vencem a tentação do *Caecus Amor*. O deserto e a solidão foram desde sempre na tradição judaico-cristã o espaço de encontro com Deus, mas também o da tentação. Para os confessores (assim se designavam os presos que aguardavam o julgamento e eventualmente o martírio) o cárcere é também espaço onde entra 'o tentador'.

Perante a vitória dos prisioneiros, os guardas do cárcere, movidos pela contemplação das suas obras, abandonam a severidade e procuram suavizar-lhes o sofrimento, desejam conhecer a sua fé e um deles pede o baptismo.

Deixando de lado o significado doutrinal desta conversão e o do valor nela atribuído à contemplação das obras, centremo-nos na transfiguração do cárcere. Lentamente, o brilho da virtude dos prisioneiros produz os seus efeitos, amansando os algozes que, dispostos a ouvir a exortação de Francisco Pacheco abrem o coração à sua doutrina. O cárcere fica então dominado pelo amor e verdadeiramente transfigurado. Escreve o poeta:

*"Eu sou testemunha das vossas crueldades, da fúria resistente que há pouco tínheis no coração. Agora, revestidos de um espírito brando e coração de cera, juntai-vos ao velho lusitano e aos companheiros, não pela antiga cadeia, nem pelo pesado ferro, mas por um amor eterno...."*⁷

Depois desta vitória o herói principal é acometido de nova tentação. A Vã Glória apresenta-se insinuando-lhe com a aparência de bem que não há vitória superior à sua. Ela não custou vidas, nem sangue a ninguém. S. Paulo pode orgulhar-se de ter gerado um cristão no cárcere, Onésimo, mas Pacheco gerou muitos mais. E termina assim o seu discurso:

*"tu próprio, Francisco, no cárcere fecundo e nas tuas cadeias geraste muitos mais para Deus, ó bem-aventurado! Esta vitória merece maior coroa, maior louvor. Não deves esperar mais; sai da prisão, vencedor!"*⁸

Mais uma vez, fortalecido pela ascese, o herói sai vitorioso com o discurso da humildade.

⁶ Sed lacrymis crudescit amor, uiresque resumit/ Sopitas, uitreae ceu lymphae aspergine crescit,/ Adtollitque animos, laesusque irascitur ignis./ Idem omnes simul ardor habet, saeuosque furores/ Custodum, uiuasque neces, et quidquid acerbum est/ Exhausere auidi, et laeta sic fronte tulere;/⁵, 154-159.

⁷ ...uestrumque manus, atque effera testor./ Facta reluctantesque olim sub corde furores./ At nunc iam molles animos, et cerea corda/ Induti, Lysiumque senem, sociosque catena/ Pro ueteri, proque aere graui religastis amore/ Aeterno (...). 5, 310-315.

⁸ (...) ipse Deo fecundo in cárcere plures,/ inque tuis uinclis genuisti, Diue. Coronam/ maiorem, et plures petit hec uictoria lauros./ Nil ultra expectandum; exi de cárcere uictor! (6, 460-463)

A transfiguração do espaço do cárcere, porém, vai mais longe ainda quando, depois destes prodígios, os prisioneiros se entregam à oração. Francisco Pacheco é arrebatado numa intensa experiência mística em que contempla o Paraíso.

“Concedeu-lhe asas o Amor e, assim, em espírito, sobe às auras celestes, medita na mansão dos Santos, entra na fortaleza do Olimpo, na cidade e nos muros de Sião, construída no oiro puro, de telhados de pedras preciosas que nem o inverno ruinoso, nem os duros combates do vento veloz ou o passar dos anos podem perturbar; Ali já não há prisão, nem cadeias de ferro, não existe Mondo, nenhum guarda ou sentinela inflige torturas, nem o mar da humana realidade se perturba; mas os seus divinos habitantes entoam hinos de louvor a Deus e jubilosos, cantando em coro, recebem as almas dos que chegam ao Reino dos Céus; onde reina o amor, onde se perpetuam as alegrias e as delícias de uma felicidade eterna.”⁹

A visão antecipada do paraíso antes da execução do mártir, tópico recorrente na hagiografia martirial é, no fundo, o que aqui temos no arrebatamento místico de Pacheco.

Esta transfiguração máxima é abruptamente interrompida pelo exterior, pelas forças que na epopeia se opõem ao herói. A *Fama* levara ao tirano a notícia paradoxal de que quem mandava agora no cárcere eram os próprios prisioneiros. Mondo, o tirano, enviara então ao cárcere um seu parente conhecido pela dureza e severidade, Densamono. Só que também a este, as obras do herói moveram, penetrando no seu peito. O cruel guardião dos deuses nipónicos, depois da disputa teológica com o herói lusitano, rende-se à nova religião. Os guardas de Mondo invadem então o cárcere para levar os prisioneiros ao palácio do Governador onde alguns são interrogados, após o que são enviados para Nagasaki onde serão executados.

São os próprios prisioneiros, pois, que entregues à ascese e ao sacrifício, transfiguram a paisagem do cárcere.

Como definira Tertuliano na exortação que temos vindo a evocar:

“Por isso, benditos [mártires], deveis concluir que talvez tenhais trocado o cárcere pela fortaleza segura. Nele há trevas, mas vós próprios sois a luz, nele há cadeias, mas vós sois livres para Deus. Nele respirais um odor pestilento, mas vós próprios sois odor de suavidade.”¹⁰ Espera-vos o

⁹ Vtque alas concessit Amor, super aetheris auras/ Mentē subit, Superumque domos meditatatur, et arces/ Intrat Olympiacas, murosque urbemque Sionis,/ Extractam solido ex auro, gemmantia cuius/ Tecta nec imber edax, rapidi nec ahenea uenti/ Praelia, non aeu poterit mutare uetustas;/ Nullus ubi est carcer, non ferrea uincula, Mondus/ Nullus adest; nullusque uigil custosue procellas/ Excitat, aut rerum mare fluctuat humanarum;/ Sed diuina sacri celebrant encomia ciues,/ Et laeti uenientum animos ad regna choreis/ Excipiunt; ubi regnat amor, semperque perennant/ Gaudia, deliciaeque, immortalisque uoluptas. 10, 5-17.

¹⁰ O mártir constitui para Deus o suave odor de Cristo. Recorde-se o escreve S. Paulo sobre os cristãos: “Somos para Deus o bom odor de Cristo entre os que se salvam e os que se perdem” (2 Cor, 2, 15). O suave odor do sacrifício de Cristo e dos mártires, encontra-se, associado na mais antiga literatura martirial, ao perfume apaziguador dos holocaustos judaicos, pressupondo a sua oposição ao odor pestilento dos sacrifícios oferecidos aos ídolos.

*juízo, mas vós próprios julgareis os juízes. Entristece-se nele aquele que suspira pelos bens do século. O cristão, porém, já renunciou ao século, mesmo fora do cárcere, e no cárcere, renuncia também ao próprio cárcere.*¹¹

E mais à frente dirá

*“Embora o corpo esteja encerrado e a carne presa [pelas cadeias], ao espírito tudo se abre, Sempre que viajares em espírito, não ficas no cárcere. O corpo nada sente se o teu espírito estiver no céu.”*¹²

Os cristãos, segregados no cárcere, estão realmente livres, pois o mundo é ele mesmo um cárcere, e o cárcere é o lugar da liberdade dos cristãos.

Transfigurado o cárcere em lugar de libertação crescente que permite aos heróis a contemplação da glória celeste, a morte há-de garantir a libertação plena e definitiva da prisão do corpo. As almas destes heróis chegam então, em apoteose gloriosa, à mansão celestial.

Por esta morte no fogo, já Francisco Pacheco tinha suspirado:

*“porque cuidais em protelar a minha morte com tantas lágrimas comprada, em tantas preces suplicada? Não foi prometida tal esperança a Pacheco? Entregai, Rei Magnífico, este corpo à fúria das chamas, desatai as minhas cadeias.”*¹³

A morte através do fogo, associada à purificação, à destruição completa da matéria e, no caso da cultura clássica, à divinização do herói e à sua apoteose, oferece ao poeta motivos expressivos que ele explora com mestria. Francisco Pacheco e os companheiros ascendem de imediato à glória enquanto os seus corpos ardem nas chamas. Eles são novas Fénix renascidas. “Ah Fénix, como partes feliz! como desprezas as iras de Vulcano, e rejubilas de renascer das chamas! Como voas formoso e resplandecente!”¹⁴ escreve o poeta.

Mesmo as suas cinzas lançadas nas águas do mar são signo da libertação final do cárcere que reteve os corpos mas não as vontades, são signo da libertação do cárcere que foi o corpo, agora desfeito. Dispersas e misturadas nas ondas,

¹¹ Quo vos, benedicti, de carcere in custodiarium, si forte, translato existimetis Habet tenebras, sed lumen estis ipsi; habet vincula, sed vos soluti Deo estis. Triste illic exspirat, sed vos odor estis suavitatis. Iudex exspectatur, sed vos estis de iudicibus ipsis iudicaturi. Contristetur illic qui fructum saeculi suspirat. Christianus etiam extra carcerem saeculo renuntiavit, in carcere autem etiam carceri. 2,4.

¹² Etsi corpus includitur, etsi caro detinetur, omnia spiritui patent. (...) Quotiens eam spiritu deambulaueris, totiens in carcere non eris. Nihil crus sensit in neruo, cum animus in caelo est. 2, 9-10.

¹³ quid nostra moratis/ Gaudia? Tot lacrimis emptam uotisque petitam/ Cur mortem differre paras? Haec illa Paceco/ Est promissa fides? Corpus, rex magne, furenti/ Da tandem flammae, meque his exolve catenis.” 10, 21-31.

¹⁴ Ah Phoenix, quam laetus abis! Quam despicias iras/ Vulcani gaudesque tuis tuis pubescere flammis!/ Quam flauus, quantoque uolas formosior! (...) 12, 167-174.

as cinzas dos companheiros simbolizam a união sem limites, o vínculo da *caritas* que os une entre si e aos fiéis, embora estes tenham ficado privados das suas relíquias. A fusão dos seus corpos pelo fogo e na água é aproveitada pelo poeta como representação daquele vínculo de unidade e paradoxalmente como símbolo de glória.

“Vós, porém, ide, pias cinzas, usadas e acostumadas aos perigos do mar, ide, congregadas no cimo das ondas. Esta união de morte, não há cárcere, nem chama feroz, nem onda que a possa romper (...) Não te levaram por inteiro, Pacheco, nem a ti João. Grande parte de ti, Rinxei, e de ti também, Torres, ficam connosco no fundo do coração; gravados na nossa alma. A pureza dos vossos costumes e as vossas imagens hão-de permanecer e viver para sempre. O espírito cego do tirano nega-vos o dom de um pequeno pedaço de terra a descoberto, a terra, comum a todos nós, e dá-vos por túmulo, todo o oceano, no vosso sepulcro cabe todo o mar, todo aquele que estiver debaixo do sol.”¹⁵

São evidentes neste poema as ressonâncias da mais antiga literatura martirial e da patrística na construção literária do herói mártir. É muito visível também nessa construção a influência estoíca. Para ela concorrem, por um lado, a presença significativa das relações entre o estoicismo e o cristianismo na primitiva literatura cristã, e de modo especial na configuração das primeiras tipologias do martírio e da santidade. A literatura patrística e de tema martirial carregava ela própria uma específica recepção do estoicismo e funciona claramente nesta epopeia como inter-texto. Por outro lado, o humanismo de quinhentos e de seiscentos concede extrema atenção à ética estoíca, quer vista como absolutamente antagónica, que como conivente com o cristianismo.

Este fenómeno não é exclusivo do texto filosófico, antes se estende a vários géneros literários, desde o encómio, à epistolografia consolatória, passando pela poesia, nomeadamente a épica, que pretende, esta última, representar o triunfo da virtude e do herói, isto é, do homem em acção.¹⁶

Longe de abordar a questão estoíca do ponto de vista da polémica filosófica, a poesia reflecte as relações entre os pensamentos estoíco e cristão, ou mais do que isso, revela na configuração da personagem heróica uma cristianização do estoicismo, deixando para o debate filosófico a decisão sobre a compatibilidade ou não entre ambos. O leitor poderá concluir da profunda incompatibilidade entre a autarcia ou autodeterminação do herói estoíco e a confiança do mártir cristão no poder de Cristo que nele sofre o martírio, mas o poeta não o explicita.

Não podemos deixar de ver um outro intertexto neste poema, para além da literatura patrística. A biografia antiga, mas sobretudo o género dos *exitus*

¹⁵ “Sed uos, aequoreis noti assuetique periclis,/ Ite pii cineres, indiscretique supremis/ Fluctibus; haec tanti commercia rumpere leti/ Non carcer, non flamma ferox, non unda ualebit” 12, 338-341.

¹⁶ Para esta matéria veja-se *Stoicisme et christianisme à la Renaissance*. Paris, Cahiers V.L. Saulnier, 23, 2006.

illustrium uirorum são reconhecíveis na morte destes mártires, que soam a morte do *sapiens* estóico, especialmente enquanto retratados no desprezo dos bens exteriores, da dor e da morte. Tal como algumas figuras dos *Annales* de Tácito, verdadeiros ‘mártires’, como lhes chama Cristina Pimentel,¹⁷ estes *exempla* do séc. XVII poderiam pronunciar as palavras que Epicteto coloca na boca de Laterano: “Amarrarás as minhas pernas, mas quanto à minha vontade ela será livre, nem o próprio Júpiter ma pode tirar.”¹⁸

Um traço de descontinuidade, porém, é visível: o orgulho do sábio estóico que reencontramos até certo ponto na arrogância do mártir diante do tirano, (sobretudo o mártir dos primeiros séculos do cristianismo celebrado em Prudêncio, por exemplo) cede, no louvor do mártir cristão dos séc. XVI e XVII, à atitude humilde, serena e tranquila. Este é certamente um efeito da crítica ao orgulho do sábio que encontramos no humanismo cristão, p. exemplo de Erasmo, ou de Montaigne.¹⁹

Quanto à continuidade, ela é bem visível, como procurámos demonstrar brevemente ao estudar o tratamento do *topos* literário do cárcere. No *sapiens* estóico e nesta tipologia do mártir, manifesta-se o homem livre por excelência.

No *corpus* que analisámos, o cárcere é o espaço de manifestação da liberdade do homem interior, irredutível às suas paredes ou ao poder do tirano e por isso a sua paisagem pode ser a paisagem sem limites, até mesmo, e paradoxalmente, a paisagem da liberdade.

¹⁷ C. C. S. Pimentel (2004), “*Virtus ipsa*: O retrato literário nos *Annales* de Tácito” in *O Retrato e a Biografia como estratégia de teorização política*, coord. Jiménez, J.Ferreira e M.Fialho (Coimbra-Málaga 65-82), esp. 67.

¹⁸ Epicteto, 1, 4. Citação de Jean Brun (1986) *O Estoicismo*, tradução de João Amado do original *Le Stoïcisme*. (Lisboa Edições 70) 86.

¹⁹ Veja-se a este propósito L. Petris (2006), “L’Hospital, Pibrac et Montaigne: trois magistrats-écrivains face au néostoïcisme chrétien”, in *Stoïcisme et christianisme à la Renaissance*. Paris, Cahiers V.L. Saulnier, 23, 71-91.